

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

KEZIA KEITTY TAVARES CORREIA MENDES

**LUTO NA ADOLESCÊNCIA DIANTE DA PERDA PARENTAL: Um enfoque
psicossocial**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2025

LUTO NA ADOLESCÊNCIA DIANTE DA PERDA PARENTAL: Um enfoque psicossocial

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Me. Joel Lima Júnior

Kezia Keitty Tavares Correia Mendes

LUTO NA ADOLESCÊNCIA DIANTE DA PERDA PARENTAL: Um enfoque psicossocial

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 26/06/2025

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Me. Joel Lima Júnior

Membro: Me. Nadya Ravella Siebra de Brito Saraiva

Membro: Dra. Moema Alves

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2025

LUTO NA ADOLESCÊNCIA DIANTE DA PERDA PARENTAL: UM ENFOQUE PSICOSSOCIAL

Kezia Keitty Tavares Correia Mendes¹

Joel Lima Júnior²

RESUMO

Introdução: Este artigo tem como objetivo compreender de que forma a perda parental pode afetar a saúde mental e a influência no desenvolvimento psicossocial na adolescência, considerando as especificidades dessa fase do desenvolvimento e a particularidade de cada pessoa na vivência desse processo. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de caráter descritivo e abordagem qualitativa, fundamentada em autores clássicos e contemporâneos da Psicologia e da Tanatologia. O estudo evidenciou que a morte sofreu alterações na percepção ao longo da vida e que a vivência do luto na adolescência é atravessada por intensas transformações emocionais, cognitivas e sociais, sendo agravada pela ausência de espaços de escuta e validação da dor. A partir da análise da literatura, observou-se que a invalidação do sofrimento pode resultar em comportamentos autodestrutivos, prejuízos na escola e na relação com os familiares e demais. Além disso, a pesquisa revela a importância da atuação integrada entre família, escola e profissionais da saúde mental, visando promover estratégias de enfrentamento saudáveis e intervenções psicológicas específicas. Conclui-se que o luto na adolescência diante da perda parental, não deve ser negligenciado, sendo necessária uma rede de apoio que compreenda as particularidades nessa etapa da vida, a fim de promover um acolhimento que favoreça a elaboração do luto e prevenção de impactos que podem persistir no desenvolvimento do sujeito.

Palavras-chave: Luto parental. Adolescência. Desenvolvimento psicossocial. Saúde mental. Psicologia.

ABSTRACT

Introduction: This article aims to understand how parental loss can affect the mental health and psychosocial development of adolescents, considering the specificities of this developmental stage and the individuality of each grieving process. It is a bibliographic study, with a descriptive character and qualitative approach, grounded in classical and contemporary authors in the fields of Psychology and Thanatology. The research shows that the perception of death has changed over time and that grieving during adolescence is marked by intense emotional, cognitive, and social transformations, often worsened by the absence of safe spaces for listening and emotional validation. The literature review indicates that unacknowledged grief may lead to self-destructive behaviors, academic difficulties, and social withdrawal. The study emphasizes the importance of collaborative action among families, schools, and mental health professionals in promoting healthy coping strategies and specific psychological interventions. It concludes that grief due to parental loss in adolescence should not be overlooked and that a support network that acknowledges the particularities of this life stage is essential to facilitate emotional processing and prevent long-term developmental impacts.

Keywords: Parental grief. Adolescence. Psychosocial development. Mental health. Psychology.

1 INTRODUÇÃO

A morte e os processos de luto são experiências que ocorrem ao decorrer do desenvolvimento humano, se apresentando de forma particular a cada indivíduo, sendo difícil a elaboração desse processo e de diferente experiência em cada fase da vida.

A compreensão desses fenômenos universais e complexos na vida do adolescente, embora seja trazida de uma forma abstrata e se tenha um amadurecimento cognitivo maior em relação às crianças, pode integrar marcas significativas e dificuldades de compreender essas perdas na vivência do sujeito, pois “os adolescentes processam informação emocional com a amígdala, enquanto os adultos usam o lobo frontal, assim, eles tendem a fazer julgamentos menos precisos e menos racionais” (Papalia; Feldman, 2013, p. 418).

A invalidação desse sofrimento pelos adultos, por ser um período onde se cria o estigma de que não se tem preocupação nesse momento da vida, faz o “sentir” na adolescência ser silenciado, revelando a dificuldade que acaba surgindo em comunicar-se com o adolescente sobre essa perda. Winnicott (2007) mostra como as falhas no ambiente podem resultar em dificuldades na regulação emocional, que nesse contexto, diante da ausência de apoio pela perda parental, surge no corpo à representação dessa dor por doenças psíquicas, físicas e comportamentos de isolamento e raiva, trazendo implicações na saúde mental e no desenvolvimento psicossocial do adolescente, levando consequências no seu comportamento e interação com o ambiente.

Descobrir as nuances da morte e do luto, sempre foi algo que instigava a procurar aprofundamento, pois foi um processo difícil e que afetou todo o contexto familiar em uma perda pessoal, a curiosidade pela temática perpassou na disciplina optativa de Tanatologia que facilitou a compreensão da morte e do luto não elaborado e o quanto poderia atrapalhar diversas áreas sem mesmo perceber conscientemente que vem daquilo, a partir de pesquisas realizadas acerca dos processos de morte e luto e das aulas que apresentavam as temáticas, outras experiências de perda foram vivenciadas de forma mais saudável.

Diante do estágio realizado em uma escola na cidade de Juazeiro do Norte, no acolhimento dos alunos do ensino fundamental II do sexto ao nono ano, foi analisado que os adolescentes que traziam a queixa de luto diante da morte de um parente significativo, apresentavam que essa quebra de vínculo, afetava seu desempenho na escola e na relação com os outros, família e colegas, assim como era manifestada a necessidade de uma validação dessa dor que não era considerada pela família como relevante. A maioria que buscava os

acolhimentos eram meninas e observou-se que havia uma diferença de comportamento quando essa perda parental era levada por meninos. Em um caso específico que chamou atenção, o estudante na perda de seu pai trouxe que foi ensinado que ele não poderia sofrer, pois ele seria a pessoa que cuidaria da mãe quando ela ficasse mais velha e a figura masculina da casa.

De todos os casos que eram trazidos essa demanda de perda de um familiar, nenhuma havia sido acolhida de forma que o adolescente pudesse expressar seus sentimentos e vivenciar o luto de forma saudável. Nesse sentido, o estudo pode contribuir como elemento norteador para compreender o luto em uma fase específica do desenvolvimento humano e pouco discutida, percebendo como ela pode acompanhar o sujeito no seu amadurecimento e nas relações com os outros, atrapalhando diversas áreas da vivência do sujeito, quando o luto não é elaborado e vivenciado.

Sendo assim, é importante discutir sobre a temática, pois falar sobre morte e luto ainda é estigmatizado e temível a humanidade, sendo relevante pensar em novas formas de olhar as perdas que vem ao decorrer da vivência como ser humano nas relações construídas de afinidade com os outros e o morrer como uma condição inerente à vida, permitindo perceber a finitude e as limitações da nossa existência. Dessa forma, se tem como problemática compreender de que forma o luto parental pode influenciar no desenvolvimento psicossocial e afetar a saúde mental do adolescente?

Dito isso, o objetivo geral do presente artigo é compreender como o luto na perda de um parente pode afetar a saúde mental do adolescente e o seu desenvolvimento psicossocial, relacionando o luto na perda parental com os aspectos psicossociais, analisando os impactos na saúde mental do adolescente e identificando o papel da família, escola e profissional da psicologia nesse processo de elaboração do luto parental, bem como possíveis estratégias para o enfrentamento dessa perda.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METODOLOGIA

Esse artigo se apresenta como uma pesquisa bibliográfica, de caráter descritivo e de abordagem qualitativa. Segundo Cantero (2020) a revisão de literatura estabelece uma linha de raciocínio que pode guiar a leitura dos pesquisadores, levando-os das premissas às conclusões. Dessa forma, o intuito das informações e conteúdos mencionados na pesquisa é facilitar a

compreensão da temática de forma que, de acordo com Gil (2008) o objetivo da pesquisa seja descrever características de um determinado fenômeno ou população, considerando as crenças, atitudes e opiniões, expondo uma nova visão da problemática, como no objeto de estudo proposto, os adolescentes e a experiência de luto parental.

Utilizou-se como fonte de dados, artigos, livros e teses por meio da coleta em bases de dados de pesquisa acadêmica Google acadêmico, Scielo Brasil, Portal da CAPES e Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia, com o intuito de facilitar a compreensão da temática proposta. Utilizando os descritores *adolescência, luto parental, psicologia, morte e elaboração do luto*.

2.2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.2.1 Morte e o Morrer no Mundo Ocidental e as Teorias do Luto

2.2.1.1 morte e cultura

De acordo com o historiador francês Philippe Ariès, em sua obra *A História da Morte no Ocidente* (2017), durante a Idade Média, a morte era algo mais presente no cotidiano das pessoas, pois era encarada como uma parte integrante da vida, com os rituais fúnebres sendo realizados na presença dos vivos.

A proximidade com a morte era tamanha que não havia medo ou tabu; pelo contrário, era um evento que integrava o ciclo da vida e fortalecia os laços sociais e religiosos. O moribundo era o protagonista do próprio morrer, cercado por um ambiente coletivo de despedida, o que conferia à morte um sentido simbólico, comunitário e espiritual.

Assim, na modernidade ocidental, morrer deixou de ser algo carregado de significados simbólicos para se tornar uma experiência solitária, marcada pela impessoalidade e pelo silêncio social. Com o avanço da modernidade e a secularização das sociedades ocidentais, o morrer foi progressivamente afastado da experiência diária, sendo relegada ao âmbito hospitalar e funerário, “morrer, se torna um ato solitário e impessoal” (Kubler-Ross, 2017, p.16). O silêncio e o desconforto passaram a permear as conversas sobre a morte, tornando-a um tema evitado, quase proibido no espaço público e até nas famílias.

Ademais, a morte tem sido vista como um produto a ser mercantilizado, porque nem toda pessoa tem condições de morrer com dignidade, dependendo do contexto social e

econômico que o indivíduo está inserido. Gurgel (2007) leva a compreensão dos processos de morte e morrer marcados pelas desigualdades de classe, perdendo sua dimensão humana e simbólica e convertida em instrumento de dominação, exclusão e lucro, porque enquanto alguns têm acesso a recursos e cuidados médicos mais avançados, além de rituais fúnebres elitizados, os mais pobres e marginalizados são relegados a uma morte precária e desumanizada, privados de um lugar digno para serem sepultados, além de não receberem cuidados médicos de qualidade .

A compreensão da morte vem sofrendo diversas percepções ao longo dos tempos, havendo marcas pela cultura e religiosidade. D'Assumpção (2011) pontua que existem três linhas de raciocínio diferente em relação à morte: uma **reencarnacionista**, acreditando que após a morte o espírito se desliga do corpo, não perdendo totalmente a própria identidade, podendo voltar à vida em outro corpo, uma visão denominada **redencionista** que não acredita nesse retorno a outra vida, mas sim a morte como uma passagem definitiva, em que o indivíduo perde sua condição material e se torna espiritual e a **materialista**, onde entende que a morte é o fim e nada mais resta, apenas o que a pessoa construiu na sua vivência nesse mundo.

Além disso, na sociedade ocidental há grandes marcas do Cristianismo nessa compreensão da passagem da morte. Kovács (2012) leva a discussão sobre as representações de várias religiões acreditarem no julgamento final após a morte, onde os santos eram salvos e que os maus não tinham salvação, o que explica em algumas situações o medo do pós-morte e a obediência dos preceitos religiosos.

Kubler-Ross (2017) ainda traz em sua obra, *Sobre a morte e o morrer*, o quanto esse fenômeno é associado negativamente como se fosse um castigo, algo medonho ou em algumas culturas algo que pode ser reversível, não sendo algo tratado como um processo natural e longe do controle da humanidade. Os rituais para lidar com o luto diante do morrer, demonstram o quanto é difícil à sociedade encarar de forma receptiva a passagem da vida para a morte, “o corpo morto passa a ser escondido, pois é insuportável para os olhos. ” (Kovács, 2013, p. 33), conservando fotos no túmulo do sujeito em vida, como forma de manutenção da pessoa amada e de certa forma uma negação da condição de morte.

2.2.1.1.2 o processo do luto

Worden (2013) define o luto como uma experiência pessoal em resposta a perda de alguém significativo na vida de uma pessoa que envolve um conjunto de sentimentos e comportamentos e inclui ajustes internos, externos e espirituais que podem ser adaptativos. Parkes (1998) compreende o luto como uma consequência inevitável dos vínculos afetivos, sendo uma expressão do amor e do compromisso emocional estabelecido.

Ao longo dos tempos, foram desenvolvidas diferentes teorias para compreender como os seres humanos lidam com essa experiência, cabendo esclarecer que esse processo de elaboração e percepção do luto também tem suas peculiaridades marcadas pela cultura e crenças de cada indivíduo, pois se entende que ‘somos complexos e subjetivos, e sendo assim, o luto é inerente a individualidade de cada um, não sendo possível prever com exatidão as possíveis reações que o indivíduo terá’(Costa; Souza, 2022, p. 5).

Freud (1917), na obra *Luto e Melancolia*, descreve como o ego precisa retirar gradualmente a energia investida no objeto perdido e redirecioná-la para outras relações ou interesses, e quando isso não acontece, ou seja, o trabalho de luto falha origina-se a melancolia, o indivíduo internaliza o objeto perdido, sendo identificado com o próprio ego, resultando em uma autorrecriminação intensa e perda da autoestima, levando a comportamentos autodestrutivos e suicidas.

Em contradição com a teoria de Freud que o vínculo precisa ser rompido e redirecionado, Klass, Silverman e Nickman (1996) fomentam a ideia de que as pessoas enlutadas podem estabelecer conexões e criar memórias com a pessoa morta de forma saudável, levando à novos significados essa perda.

Uma das teorias mais conhecidas para explicar esse processo de luto é a de Elizabeth Kubler-Ross (2017), o modelo mostra como é vivenciado o luto pelas notícias trágicas, apresentando cinco estágios do luto: I - negação e isolamento, II - raiva, III - barganha, IV - depressão, V- aceitação. Apesar das pessoas passarem por esses estágios, não ocorrem de maneira linear e não é regra vivenciar todos.

O primeiro estágio do luto traz a recusa da pessoa em aceitar a realidade da perda e se negar a condição por inteiro ou parcialmente, o que ocasiona o isolamento como uma forma de se afastar da verdade. O segundo estágio é a raiva, onde a pessoa passa a aceitar a condição que ela já se negava, mas vem acompanhada de um conjunto de sentimentos como mágoa, ressentimento e descrença que acompanham a raiva, consigo mesmo e com os outros.

Já no terceiro estágio, vem a barganha ou negociação, que depois de negar e protestar o acontecido, a pessoa procura outras formas de negociar essa perda, a maioria das barganhas são

feitas com Deus, com promessas de oração em uma tentativa de adiamento da perda e compensação por “bom comportamento”. Já no quarto estágio, denominado depressão, a pessoa aceita o ocorrido, reconhecendo que não há mais volta, ficando profundamente abalado e podendo se perder de si mesmo. A quinta e última fase é a aceitação, não como um estágio de felicidade, mas como um fim da tentativa de não aceitar a condição de perda e externalização dos sentimentos de raiva, depressão e tentativas de negociação.

Stroebe e Schut (1999) criaram um modelo de processo dual do luto baseado em comportamentos do luto que oscilam, enfatizando que existem estressores relacionados à perda, como tristeza, saudade, choro, lembranças intensas da pessoa falecida e estressores direcionados à recuperação diante a perda que envolve a adaptação à vida sem a pessoa falecida, incluindo a realização de novas tarefas, estabelecimento de novos papéis sociais e enfrentamento de mudanças psicossociais. Diferente da visão de Kubler-Ross em que o processo de luto é vivenciado em fases e focado nas sensações internas, esse modelo mostra que a pessoa pode ir e voltar na experiência de luto, considerando além dos processos internos, fatores externos e adaptativos.

Na obra *Aconselhamento e Terapia do Luto*, Worden (2013) suscita as tarefas do luto em contraposição com as fases, levando a considerar “que o enlutado precisa agir ativamente e que pode fazer alguma coisa” (p. 20). Para o autor, é importante que o enlutado passe pelas tarefas e possua um esforço para se adaptar à perda.

A primeira tarefa é aceitar a realidade da perda, na qual o indivíduo entende que a pessoa morta não volta mais. Em contraposição a isso é a descrença que pode levar o sujeito a ter comportamentos de negar o significado da perda ou distorcer a realidade dos fatos, Worden (2013) observa que indivíduos enlutados frequentemente apresentam comportamentos de negação da perda, como chamar pela pessoa falecida ou confundir sua identidade com a de outras. A segunda consiste em processar a dor do luto, pois o suprimir esse sentimento causa sofrimento emocional que direciona a comportamentos disfuncionais e a manifestação de doenças e sintomas físicos, “ansiedade, raiva, culpa, depressão e solidão também são sentimentos comuns que podem ser experimentados pelos enlutados” (p. 25).

A terceira se dá pelo ajuste a um mundo sem a pessoa morta, que encaminham a ajustes externos que leva a busca de novos significados diante da perda da pessoa amada, adaptando-se a um novo mundo, ajustes internos fazendo com que a morte altere o funcionamento do indivíduo enlutado e a imagem de si mesmo e os ajustes espirituais que desafiam as crenças, valores e visões sobre o mundo. Na quarta tarefa, o autor traz ao enlutado a encontrar um lugar

para a pessoa morta que permite criar uma conexão duradoura, mas de um modo que não vai impedir o funcionamento de uma nova rotina sem o ente perdido, buscando um local adequado ao morto na sua vida.

2.2.2 O processo de luto e a adolescência

A adolescência compreende a uma fase do desenvolvimento humano que perpassa da transição da infância a vida adulta, marcada por ‘mudanças físicas, cognitivas, emocionais e sociais e assume formas variadas em diferentes contextos sociais, culturais, e econômicos’ (Papalia; Feldman, 2013, p. 386).

Conforme a OMS (2024) é uma fase da vida que compreende dos 10 aos 19 anos, vivenciando um rápido crescimento físico, cognitivo e psicossocial. Sendo assim, entende-se esse período como uma construção social que ao longo dos tempos sofreu diversas concepções e somente após a revolução industrial foi compreendida como um estágio da vida que precisava ser separado. De acordo com Bock (2007) a adolescência foi naturalizada, mas carregava consigo as pressões sociais tanto de ser uma fase difícil pelo processo de mudanças e conflitos, mas também de pressão pela sociedade na demora em ingressar no mundo de trabalho e serem finalmente adeptos a participar do mundo adulto.

Erik Erikson (1972) contribuiu para institucionalizar esse marco da vida, caracterizando a adolescência como o estágio de identidade versus confusão de papéis, onde o sujeito busca sua identidade e independência, enquanto enfrenta dificuldades como insegurança e conflitos com figuras de autoridade, ‘a frequência de mortes violentas nessa faixa etária reflete uma cultura violenta bem como a inexperiência e a imaturidade dos adolescentes’ (Papalia; Feldman, 2013, p. 403). Piaget (2013) outro psicólogo colaborador para entender esse período do desenvolvimento humano, pontua que na adolescência, os seres já atingem o estágio de operações formais, tornando-se capazes de pensar em termos abstratos e complexos como a morte e a finitude de vida. O próprio processo de ser adolescente já é marcado por luto, pois como pontuam Aberastury e Knobel (2003, p.13):

Quando o adolescente se inclui no mundo com este corpo já maduro, a imagem que tem do seu corpo mudou também sua identidade, e precisa então adquirir uma

ideologia que lhe permita sua adaptação ao mundo e/ou sua ação sobre ele para mudá-lo.

Há uma perda do corpo infantil e da identidade e papel que trazia uma maior dependência dos outros, pois a sociedade exige autonomia e responsabilidades, marcando o surgimento de um novo funcionamento do psiquismo e de compreensão da morte. Rodriguez (2005) aponta que a adolescência é marcada por uma oscilação entre o desejo de vivenciar intensamente o prazer e a tendência de desafiar os próprios limites, o que pode aproximar o jovem de comportamentos autodestrutivos. Logo, essa ideia de finitude e mortalidade se encontram distante da realidade do adolescente.

Quando ocorre a perda parental, essa base emocional pode ser profundamente abalada, principalmente porque como traz Papalia e Feldman (2013) o indivíduo está em processo de formação cognitiva, emocional e psicológica, provocando sensações como a ansiedade da separação, desproteção, culpa diante da perda e mudanças cognitivas na forma de ver a si mesmo e o mundo ao seu redor, influenciando também no seu comportamento com os outros do seu meio. Bowlby (2021) traz que as reações o luto podem ser influenciadas pela qualidade dos vínculos afetivos estabelecidos ao longo da vida por figuras de valor de sobrevivência, ou seja, os pais ou cuidadores, assim como familiares que têm valor significativo na vida desse adolescente.

A morte também leva a mudanças no ajustamento da vida do adolescente, “a nova forma de ser e estar em família sem um de seus membros, reorganizar papéis e funções estabelecidas, provocando ao adolescente a necessidade de encontrar-se nesta nova formação” (Meles, 2014, p.26). Quando um dos membros da família morre, o adolescente se vê diante da necessidade de ajustar não apenas sua forma de se relacionar com os outros, mas também a maneira como percebe seu papel dentro da estrutura familiar.

A reorganização dos papéis familiares pode envolver o adolescente assumindo responsabilidades que antes não possuía ou até mesmo modificando sua maneira de se relacionar com a família, afetando diretamente sua identidade e seu lugar no mundo. “A mudança num elemento repercute-se no sistema e o comportamento de cada um é indissociável do comportamento dos restantes” (Dias, 2011, p. 149), afetando o funcionamento da família como um todo e a forma de lidar uns com os outros, o que se revela como um outro ponto de dificuldade de se comunicar sobre a perda.

O luto se manifesta de diferente forma em cada indivíduo refletido pelas diferenças no seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social em cada fase da vida, sendo importante

considerar as particularidades na vivência desse fenômeno, que traz impactos na saúde do sujeito da infância a vida adulta tardia, considerando peculiaridades em cada etapa do desenvolvimento humano na compreensão frente à morte e aos processos de luto.

Piaget (2013) descreve que a criança não consegue compreender termos abstratos antes dos 7 anos de idade, sendo assim a criança leva a compreensão da morte como algo reversível e são usadas fantasias para justificar esse fator, "a criança pode negar inicialmente a morte, pode tornar-se agressiva ou achar que foi ela mesma que a causou." (Louzette; Gatti, 2007, p. 78). Por outro lado, Vygotsky (1991) pontua que a percepção e a aprendizagem da criança são construídos a partir do uso da linguagem mediados pela cultura, logo ela internalizará esse conceito a partir das interações sociais, onde em diferentes sociedades, a criança compreenderá a morte de uma forma distinta de outras civilizações, não sendo revelada necessariamente em um estágio específico, sendo construída conforme o contato da criança com explicações, rituais, crenças e diálogos sobre a perda.

Kóvacs (2013) pontua que durante a adolescência, a pessoa desenvolve a capacidade cognitiva para entender aspectos essenciais da morte, como sua irreversibilidade e caráter universal, além de ser capaz de elaborar respostas usando o pensamento lógico estruturado, porém carrega consigo a intensidade do sentir que gera sensações de confusão e comportamentos impulsivos.

Diferentemente das crianças e adolescentes, os adultos conseguem compreender e lidar de forma mais clara com a irreversibilidade e a universalidade desse fenômeno, "na fase adulta a ocorrência do luto relacionado à perda de um ente querido, revela-se conflituosa e angustiante, mesmo havendo já estruturado o conceito de morte." (Meireles; Lima, 2016, p. 93). O impacto do luto varia conforme o vínculo com a pessoa falecida, perder um cônjuge, pode desestruturar rotinas, papéis familiares e planos futuros e a perda de um filho pode trazer um luto prolongado, "os pais vinculam o sofrimento ao amor pelos filhos, assumindo o compromisso de nunca esquecê-los". (Reis; Quintana, 2021, p. 9), o que faz com que a perda de alguém significativo seja percebida com grande intensidade.

Os idosos possuem uma perspectiva diferente sobre o luto devido a perdas na sua experiência de vida e a proximidade com a própria mortalidade. Parkes (1988) reconhece que na idade avançada o luto é uma grande causa da depressão, principalmente pelas múltiplas perdas ao longo da sua vivência, além de que se a morte vem a ser a de um cônjuge, representa para eles, não apenas a perda de um companheiro, mas o fim de uma história compartilhada, o que resulta em problemas psicológicos. Alguns usam como estratégias de enfrentamento a

religiosidade e a fé, "a religião é, para muitos idosos, uma importante fonte de enfrentamento focalizado na emoção" (Papalia; Feldman, 2013, p. 632).

2.2.3 Estratégias de coping frente ao luto na adolescência

De acordo com Antoniazzi *et al.* (1988) o coping é um conjunto de estratégias criados pelos indivíduos para lidar com situações estressantes, que podem ser positivos, ou seja, um enfrentamento de forma saudável ou negativos com comportamentos de fuga ou autodestrutivos. Os adolescentes têm diferentes formas de responder aos eventos estressores em diferentes contextos sociais. Dell’Aglia (2003) diferencia estilos e estratégias de coping, destacando que os estilos são influenciados pela personalidade, enquanto as estratégias dependem da situação estressora específica.

O luto pode gerar uma sensação de vazio e confusão, percebendo que “a maneira como eles lidam com situações estressoras pode estar relacionada ao alto nível de stress apresentado por eles, na medida em que não utilizam, frequentemente, estratégias de autocontrole, resolução de problemas e reavaliação positiva” (Kristensen, *et al.*, 2010, p. 28). Sendo assim, quando a elaboração não ocorre de forma saudável, a raiva e agressividade vão consumir esse indivíduo.

Sem saber como lidar com a dor, o adolescente pode buscar estratégias para lidar com o evento estressor que são negativas, em uma tentativa de amenizar o sofrimento, se encaminhando ao álcool e as drogas, pois se tornam uma fuga aparentemente acessível, oferecendo um alívio temporário e uma sensação de desconexão das emoções intensas que ele não sabe como enfrentar, “o abuso pode levar à dependência química, ou adicção, que pode ser fisiológica, psicológica ou ambas, e que provavelmente continuará até a idade adulta” (Papalia; Feldman, 2013, p. 399).

Diante desse fluxo de sentimentos que vão emergindo, surgem os pensamentos suicidas, que aparecem como solução para um sofrimento que parece insuportável, "um sentimento básico de ansiedade e depressão acompanhará permanentemente como substrato o adolescente" (Aberastury; Knobel, 2003, p. 57). Esses pensamentos acabam surgindo pela dificuldade de aceitação dessa dor, como Worden (2013) evidencia quando leva a discussão do luto não reconhecido, como perdas negadas de serem sentidas, o que traz ao enlutado a ausência de um espaço que possa se expressar e sofrer pelo luto.

Por outro lado, existem estratégias de adaptação a perda, que podem trazer bem-estar na vida do adolescente enlutado e adaptação a perda, Mazorra (2009) traz que quando o enlutado consegue se apropriar de seu crescimento com a experiência da perda, leva a um fortalecimento que pode contribuir para a elaboração do luto. No modelo de avaliação cognitiva de Lazarus e Folkman (1984) a pessoa se utiliza de estratégias de enfrentamento focalizando no problema com o objetivo de eliminar ou diminuir a situação estressante.

Através de rituais simbólicos, o adolescente pode reconhecer a realidade da perda e iniciar o processo de luto, bem como o engajamento em atividades prazerosas que ele possa expressar suas emoções como "fazer desenhos que reflitam os sentimentos da pessoa, bem como suas experiências com o falecido" (Worden, 2013, p. 72), assim como o engajamento em atividades esportivas e projetos nas escolas. Dessa forma entende-se que "as estratégias de coping que os indivíduos utilizam para se adaptar a situações adversas interferem não somente na saúde mental, mas também na saúde física, no bem-estar social e, conseqüentemente, na aprendizagem." (Kristensen, et al, 2010, p. 24).

2.2.4 Impactos no desenvolvimento psicossocial do adolescente em decorrência do luto

A perda se configura como ausência da pessoa de valor de sobrevivência e o sentir se torna intenso, a ruptura desse vínculo na vida do adolescente pode levar a marcas significativas no seu desenvolvimento psicossocial que podem perdurar a vida toda, Bowlby (2021) traz que as experiências precoces com a perda podem influenciar a maneira como o indivíduo lida com separações futuras, afetando inclusive o desenvolvimento da personalidade e da saúde mental, "dependendo do vínculo estabelecido com a pessoa falecida e da personalidade do enlutado, o mundo deste pode ruir, daí o pavor, a desorientação, o choque e o desespero" (Domingos; Maluf, 2003, p. 586).

Dessa forma, a ruptura da figura parental pode afetar o desenvolvimento emocional, influenciando na sua capacidade de se auto-regular e lidar com a situação estressante, o que gera uma dificuldade para gerenciar as emoções e ter comportamentos menos racionais.

De acordo com Bahls:

O desenvolvimento do pensamento abstrato se faz ao redor dos doze anos de idade, trazendo uma compreensão mais clara do fenômeno da morte, conseqüentemente, nos adolescentes depressivos tanto as idéias de suicídio como as tentativas, que costumam apresentar alta letalidade, alcançam uma dimensão maior, pois os adolescentes são altamente vulneráveis às mesmas. (BAHLS, 2002,p.361).

As habilidades socioemocionais marcadas por intensidades fazem com que diante de situações desafiadoras nas quais há instabilidades no humor, se tornem propensos a comportamentos impulsivos ou de isolamento social. De acordo com a OMS (2024) a depressão, ansiedade e distúrbios comportamentais se enquadram entre as principais causas de prejuízos à saúde física e mental dos adolescentes. A comunicação entre os membros do núcleo familiar pode se tornar mais frágil, levando a um aumento da tensão emocional e os adultos que se apresentam também enlutados não conseguem oferecer suporte adequado aos adolescentes.

Com o advento da internet, novas formas de expressão, conexão e suporte emergiram, "os adolescentes entendem que a comunicação virtual possibilitou o uso de novas linguagens e seleção de sites que favorecem maior liberdade de expressão." (Ferreira, *et al.* 2020, p. 2). Nesse sentido, Sofka (2018) traz que a internet pode funcionar como uma extensão dos grupos presenciais de apoio, proporcionando um ambiente virtual para a troca de experiências e a construção de narrativas sobre a perda.

No entanto, os pais devem observar sem invadir seu espaço, pois esses indivíduos buscam as mídias sociais como refúgio e revelam comportamentos que podem ser sinalizados como de risco. Dessa forma, se torna eficiente uma supervisão adequada dos pais no uso das redes sociais, pois essa orientação "possibilita ao adolescente saber distinguir os males e benefícios que a internet e as redes sociais virtuais lhe oferecem" (Pezzi *et al.* 2019) compreendendo que é um fator de risco adicional que precisa ser considerado e que pode trazer prejuízos ao desenvolvimento psicossocial desse indivíduo em situação de vulnerabilidade.

No ambiente escolar, o luto pode afetar o desempenho do adolescente, comprometendo sua capacidade de concentração, memória e motivação, bem como a relação com os professores e colegas de sala. Granja *et al.* (2012) destacam que o luto pode reduzir significativamente o interesse do adolescente pelas atividades escolares, resultando em procrastinação e diminuição do seu rendimento na aprendizagem.

Além disso, o comportamento do adolescente pode sofrer alterações, como agressividade, apatia ou isolamento social, o que pode gerar dificuldades nas interações com os outros, Worden (2013) sugere que essas reações são formas de defesa emocional do próprio

sujeito em uma tentativa de lidar com a dor interna. Em alguns casos, os educadores não estão preparados para lidar com essas mudanças e podem interpretar as consequências do comportamento mediante a perda como falta de disciplina ou desinteresse, quando na realidade esses comportamentos são uma forma de expressar o abalo emocional do luto.

Domingos e Maluf (2003) observam em sua pesquisa que, para muitos adolescentes, o abalo da perda pode se manifestar como uma forma de afastamento da realidade escolar e queda de rendimento mediante a todas sensações envolvida, bem como a falta de suporte dos mesmos, sendo mais difícil para eles se concentrar em atividades que antes eram parte integrante de suas vidas, dificultando na capacidade de compreender os conteúdos escolares e de reconectar com os outros, e ao depender de como acontece essa morte, o julgamento e atitudes ofensivas dos próprios colegas, pois “ quando a dor provocada pela perda é negada, impossibilitando o seu compartilhamento e expressão, pode-se favorecer a sensação de solidão, suprimindo o luto” (Meles, 2012, p. 83).

O contexto da perda e a forma como ela é vivenciada também podem influenciar no surgimento de comportamentos infracionais, o afastamento social e exclusão podem “incidir tomar o caminho da criminalidade como reação à escassez de recursos (econômicos, afetivos e psicossociais) em suas vidas” (Coutinho *et al.*, 2011, p. 107), como por exemplo, em mortes por violência e assassinatos, a forma como a comunidade, família e escola reagem e como lidam com a experiência do indivíduo, podem intensificar ou amenizar o sofrimento do adolescente enlutado por uma vivência consideravelmente desagradável.

A presença de julgamentos, estigmatização ou atitudes ofensivas podem contribuir para a busca por novas referências, Aberastury e Knobel (2003) pontuam como os adolescentes tem essa busca por figuras e ideais de identificação que os destina a violência. As participações de grupos sociais facilitam a construção da sua própria identidade, que nesse sentido, frequentemente são encontradas em ambientes de maior risco social, essa falta de apoio social gera sentimentos de raiva, vingança e até mesmo o desejo de pertencimento, o que os leva a “busca por recursos de defesa e proteção, sendo a busca pela inserção na criminalidade um desses recursos. ” (Bossa; Guerra, 2023, p.7) que se apresentam em gangues ou facções criminosas, trazendo um senso de proteção ou identidade, sendo um canal para a externalização dessa dor.

2.2.5 A psicologia, família e escola frente ao processo de luto na adolescência

De acordo com a Resolução n.º 010/2005 do Conselho Federal de Psicologia (CFP), em seu Artigo 1º, o psicólogo deve oferecer serviços psicológicos de qualidade, fundamentados em conhecimentos científicos, técnicas reconhecidas, princípios éticos e na legislação profissional vigente. Nesse contexto, torna-se essencial que o profissional aprofunde seus conhecimentos acerca do suporte emocional em situações de perda e luto, especialmente quando se trata de adolescentes.

A atuação do profissional de Psicologia deve ser pautada em princípios éticos que respeitem a individualidade do sujeito enlutado, sem a imposição de etapas rígidas ou protocolos padronizados. Cada indivíduo reage de forma única à morte de um familiar significativo, sendo imprescindível considerar não apenas a etapa do desenvolvimento psicossocial, mas também sua história de vida e singularidade, de modo a direcionar adequadamente o acolhimento. Isso inclui compreender como o sujeito se adapta à ausência, “reforçando os recursos adaptativos e auxiliando na direção que o processo de luto tomará” (Mendes et al., 2021, p. 14).

Considerando as intensas transformações típicas da adolescência – como mudanças emocionais, cognitivas e comportamentais (Papalia; Feldman, 2013, p. 392) – e a formação da identidade segundo Erikson (1972), é fundamental que esse período de luto seja compreendido em sua complexidade. O adolescente enlutado demanda um espaço seguro, isento de julgamentos, onde possa explorar suas emoções e ressignificar sua perda, respeitando as oscilações emocionais características dessa fase. Kóvacs (2013) entende que lidar com a morte de forma produtiva, possibilita uma vivência mais criativa da vida e uma aceitação mais saudável da mortalidade como parte da existência humana.

No contexto escolar e familiar, cabe ao psicólogo fomentar a reflexão sobre a negação social da morte, muitas vezes internalizada por educadores e familiares, pois trabalhar essas concepções é essencial para que tais agentes possam lidar de forma mais acolhedora com os adolescentes que enfrentam perdas significativas. Estudos como os de Alves e Kovács (2016) apontam que práticas como rodas de conversa, rituais simbólicos, escuta qualificada e palestras são fundamentais para a validação da dor no ambiente escolar.

A escola e a família, enquanto espaços de socialização e aprendizagem devem atuar conjuntamente com os profissionais da saúde mental para identificar precocemente sinais de sofrimento psíquico. Essa colaboração possibilita intervenções preventivas, criando um

ambiente de escuta, acolhimento e elaboração do luto, respeitando as particularidades individuais, incluindo aspectos religiosos e espirituais, bem como a presença ou ausência de crenças, o que influencia diretamente nas estratégias de enfrentamento adotadas.

Nesse cenário, torna-se fundamental a presença de um suporte emocional que compreenda e atenda às necessidades do adolescente enlutado, favorecendo a ressignificação da perda. Como traz Valdevino *et al.*(2019), o ambiente social do adolescente deve atuar como mediador na construção de um ambiente dialógico, em que o sujeito possa expressar livremente seu sofrimento, considerando que suas reações diferem das dos adultos em razão do seu estágio maturacional.

Da mesma forma, a escola deve constituir-se como um espaço de acolhimento e compreensão das perdas. O ambiente escolar precisa reconhecer que os alunos enfrentam tanto mortes concretas como “a perda de amigos, colegas por acidentes, overdose, assassinatos, doenças” (Kovács, 2013, p.6), quanto simbólicas (como mudanças de escola, separações familiares, etc.). A construção de práticas juntamente com o profissional de psicologia e dentro do contexto familiar que favoreçam o compartilhamento das experiências, contribui para reduzir o sentimento de solidão do adolescente enlutado, fortalecendo os vínculos sociais e permitindo a expressão do sofrimento.

No campo da intervenção clínica, destaca-se o modelo de aconselhamento do luto proposto por Worden (2013), que orienta os indivíduos a enfrentarem de forma ativa a dor da perda e a reorganizarem sua vida sem a presença do falecido. Entre as técnicas utilizadas, estão: o uso da “cadeira vazia” – útil quando há questões não resolvidas –, a visita a locais significativos, a organização de objetos do ente perdido e a reconstrução narrativa da experiência. Em casos de luto complicado, nos quais há estagnação nas tarefas do luto, especialmente em decorrência da natureza traumática da perda, são necessárias intervenções específicas voltadas à elaboração emocional e à reestruturação do sentido pessoal. Outras técnicas utilizadas são a linguagem evocativa que convida a pessoa a acessar os sentimentos e pensamentos para que possam ser vivenciados e elaborados, o uso de escrita e desenhos que expressem as sensações envolvidas, além da dramatização que envolve encenar os medos, desconfortos, em uma tentativa de modelar novos comportamentos e significados diante da perda.

Outra abordagem relevante é a terapia do luto sob a perspectiva construtivista, conforme proposta por Robert A. Neimeyer e Ana Hooghe (2025). Essa abordagem compreende o luto como um processo de reconstrução de significados e vínculos, especialmente quando a morte

rompe o universo simbólico do enlutado, afetando sua identidade e seus projetos de vida. O objetivo terapêutico, nesse caso, é facilitar a ressignificação da perda por meio de intervenções narrativas, expressivas e colaborativas. Em vez de romper totalmente o vínculo com o falecido, busca-se integrá-lo à vida do sujeito de maneira funcional e não dolorosa, permitindo que a lembrança do ente perdido tenha um lugar simbólico saudável na nova realidade do enlutado.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo possibilitou compreender, sob uma perspectiva psicossocial, os impactos da perda parental durante a adolescência, evidenciando como o processo de luto pode afetar significativamente o desenvolvimento emocional, social e cognitivo desse sujeito em formação. Constatou-se que a adolescência é uma fase caracterizada por profundas transformações internas e externas, sendo a vivência do luto um fator agravante que pode comprometer o curso natural desse processo.

Observou-se que a ausência de espaços sociais e familiares que legitimem a dor da perda favorece a não elaboração do luto, o que pode resultar em manifestações disfuncionais, como comportamentos autodestrutivos, isolamento social, uso de substâncias psicoativas e ideação suicida. A forma como a morte é tratada na sociedade ocidental, marcada por silenciamento e negação, contribui para o empobrecimento simbólico da experiência da perda, dificultando a expressão da dor e o acesso ao suporte emocional necessário por parte do adolescente.

Destaca-se, ainda, o papel central da família, da escola e dos profissionais de saúde mental na facilitação de um processo de luto mais saudável. A escuta empática, a valorização de rituais simbólicos e a criação de espaços de fala são estratégias fundamentais para a elaboração do luto, atenuando seus efeitos deletérios sobre o desenvolvimento psicossocial.

Dessa forma, este estudo reforça a relevância de se discutir abertamente a temática da morte e de se considerar as especificidades do sofrimento psíquico na adolescência. Ressaltase a necessidade de promover debates sobre perdas significativas nos contextos escolares e familiares, bem como de implementar práticas institucionais voltadas ao cuidado emocional do adolescente enlutado, assegurando-lhe condições dignas para vivenciar e superar a dor, e favorecer seu desenvolvimento integral.

Considerando a relevância do tema e as limitações inerentes a uma pesquisa bibliográfica, sugere-se que futuros estudos possam aprofundar a compreensão do luto na adolescência a partir de abordagens empíricas, como estudos de caso clínico ou entrevistas com adolescentes enlutados. Além disso, seria pertinente investigar a efetividade de intervenções psicológicas específicas no contexto escolar e familiar, avaliando estratégias que favoreçam a elaboração do luto. Outra possibilidade é explorar o impacto das redes sociais digitais no processo de luto adolescente, especialmente no que diz respeito ao compartilhamento da dor e à construção de memórias virtuais da pessoa falecida.

Conclui-se, portanto, que o luto decorrente da perda parental na adolescência não deve ser compreendido apenas como uma experiência individual, mas como um fenômeno que exige uma resposta coletiva. Torna-se urgente a formulação de intervenções que considerem a complexidade do luto nessa etapa da vida e que favoreçam a reconstrução de vínculos afetivos, identitários e sociais por parte do adolescente.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **A adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

ALVES, E.G.; KOVÁCS, M.J. Morte de aluno: luto na escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v.20, n. 2, p.403–406, 2016.

ANDRADE, M. O papel das revisões de literatura na produção e síntese do conhecimento científico em Psicologia. Gerais: **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 14, p. 23-310, 2021.

ANTONIAZZI, A.S; DELL'AGLIO, D.D; BANDEIRA, D.R. O conceito de coping: uma revisão teórica. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 5, n. 1, p. 273– 294, 1998.

ARIÈS, P. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

BAHLS, S.C. **Aspectos clínicos da depressão em crianças e adolescentes.** *Jornal de pediatria*, Rio de Janeiro, v. 78, n. 5, p. 259-366,2002.

BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Revista Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 63–76, 2007.

BOSSA, D. F.; GUERRA, A.M.C. Adolescência e ato infracional: por que os adolescentes se submetem à criminalidade?. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 34, p.1–11, 2023.

BOWLBY, J. **Perda: tristeza e depressão.** 3 ed. São Paulo: Martins Fontes.2021.

COUTINHO, M.P.L; ESTEVAM, I.D, *et al.* Prática de privação de liberdade em adolescentes: um enfoque psicossociológico. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 16, n. 1, p. 101–109. 2011.

COSTA, N.K.R.; SOUZA, A. M. A. **Aspectos teóricos do processo de luto.** *Revista Multidisciplinar em Saúde.* 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de ética profissional do psicólogo.** Brasília: CFP, 2005.

D'ASSUMPCÃO, E.A. **Sobre o viver e o morrer:manual de Tanatologia e Biotanatologia para os que partem e os que ficam.** 2 ed. Petrópolis:Vozes,2011.

DELL'AGLIO, D.D. O processo de coping em crianças e adolescentes: adaptação e desenvolvimento. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 11, n. 1, p. 38-45, 2003.

DIAS, M.O. Um olhar sobre a família na perspectiva sistêmica:o processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e desenvolvimento*, Viseu, v.19, p.139-156,2011.

DOMINGOS, Basílio; MALUF, Maria Regina. **Experiências de perda e de luto em escolares de 13 a 18 anos.** *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 577–589, 2003.

DORSA, A. C. O papel da revisão da literatura na escrita de artigos científicos. *Interações*, Campo Grande, v. 21, n. 4, p. 681–684, 2020.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise.** Rio de Janeiro: Zahar. 1972

GIACOIA, J. O. **A visão da morte ao longo do tempo.** *Medicina*, Ribeirão Preto, v. 38, n. 1, p. 13-19, 2005.

FERREIRA, E.Z. et al. A influência da internet na saúde biopsicossocial do adolescente: revisão integrativa. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 73, n. 2, 2020.

FIM, T.R; PEZZI, F.A.S. Internet e adolescência: uma intervenção com os adolescentes, pais e professores. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 942–959. 2019.

- FREUD, S. **Luto e melancolia**. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GURGEL, W.B. **A morte como questão social**. Barbarói, Santa Cruz do Sul, n. 27, p. 60-83. 2007.
- GRANJA, A.; COSTA, N. , et al. O luto em contexto escolar: vivências na primeira pessoa. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 8, n. 13, p. 57– 82, jul./dez. 2012.
- KÓVACS, M.J. **Educação para morte: temas e reflexões**. 2 ed. São Paulo: Casa do psicólogo. 2012.
- KÓVACS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.
- KRISTENSEN, C.; SCHAEFER, L. S., *et al.* Estratégias de coping e sintomas de stress na adolescência. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 21-30, jan./mar. 2010.
- KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- LAZARUS, R.S; FOLKMAN, S. **Stress, appraisal, and coping**. New York: Springer publishing company, 1984.
- LOUZETTE, F.; GATTI, A. Luto na infância e as suas consequências no desenvolvimento psicológico. **Revista Eletrônica**. n.1, p.77-79. 2009.
- MAZORRA, L. **A construção de significados atribuídos à morte de um ente querido e o processo de luto**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.
- MELES, M.C. **O adolescente vivenciando o luto pela morte de um dos genitores: repercussões na esfera escolar**. Dissertação (mestrado em ciências) - Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2014.
- MEIRELES, I.O; LIMA, F.F. O luto na fase adulta: um estudo sobre a relação apego e perda na teoria de John Bowlby. **Revista Ciências Humanas**, v. 9, n.1, p.92-105, 2016.
- MENDES, I.M. *et al.* **O momento da perda: cartilha de orientações sobre o apoio psicológico no momento do óbito**. Teresina: Universidade Estadual do Piauí, 2021.
- MOTA, M.M.A. **O luto em adolescentes pela morte do pai: risco e prevenção para a saúde mental**. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

NEIMEYER, R.A; HOOGHE, A. **A terapia do luto como reconstrução de significado**. Porto Alegre: Artmed, 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (WHO). **Adolescent health**. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/adolescent-health#tab=tab_1. Acesso em: 4 jun. 2025.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R.D. **Desenvolvimento Humano**. 12. Ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PARKES, C.M. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta**. São Paulo: Summus, 1998.

PIAGET, J. **A psicologia da inteligência**. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

SOFKA, C.J. Adolescents' use of social media and digital technology to cope with lifethreatening illness and loss: what parents and supportive adults should know. **ChiPPS EJournal**, [S.I.]: National Hospice and Palliative Care Organization, n. 53, p. 18–27, 2018.

STROEBE, M.; SHUT, H. The dual process modelo f coping with bereavement. **Death Studies**, Abingdon, v.23, n.3, p.197-224,1999.

REIS, C.G.; QUINTANA, A.M., *et al.* O luto de pais: considerações sobre a perda de um filho criança. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 41, n. 3, p. 1-16, 2021.

RODRIGUEZ, C.F. **O que os jovens têm a dizer sobre a adolescência e o tema da morte?** Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

VALDEVINO, A.C. N; PATROCÍNIO, J.C. *et al.* O luto de um adolescente: estudo de caso sobre a perda de um familiar. **Canais de Marketing**, Lins, Unisaesiano, 2019.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Tradução de José Cipolla Neto *et al.*4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 2007.

WORDEN, W. J. **Aconselhamento e terapia do luto: um manual para o profissional de saúde mental**. 4. ed. São Paulo: Roca, 2013.